

PALAVRA, EUCARISTIA E COORDENAÇÃO DOS MINISTÉRIOS

Referimos abaixo um testemunho do Pe. Fernando Domingues¹ sobre a sua experiência no Quênia, que põe em relevo alguns elementos característicos do ministério do presbítero que serve no contexto da evangelização ad gentes.

A Palavra no centro

O decreto conciliar sobre a nossa vida e ministério dos presbíteros (Presbyterorum Ordinis 4) apresenta a pregação da Palavra como o “primeiro dever” dos presbíteros enquanto colaboradores dos bispos no cumprimento do mandato de «anunciar a todos o Evangelho de Deus» (cf. 2Cor 11,7). Pessoalmente, este dever eu muitas vezes, e creio que progressivamente, vivi-o como um verdadeiro privilégio: dispor de instrumentos teóricos para aprofundar o Evangelho como Palavra escrita que conduz ao encontro vital com Aquele que é a Palavra Incarnada, e depois ter a possibilidade de transmitir esta Palavra a tantos outros. Este caminho de aprofundamento e de encontro era experimentado não só nos momentos de estudo e de meditação, mas sobretudo nos momentos de pregação, porque também esta pode tornar-se uma verdadeira experiência daquilo que ordinariamente se chama «viver em Cristo» (cf. Gal 2,20). Escutar a Palavra juntamente aos outros missionários e missionárias foi muitas vezes um esforço enriquecedor. A manhã semanal de reflexão partilhada sobre as leituras do domingo seguinte fazia-nos descobrir dimensões novas na Palavra e no nosso ministério. Esta complementaridade ministerial na escuta não era sempre fácil, mas muitas vezes levava-nos a descobrir na Palavra uma frescura que a meditação feita do ponto de vista do «pregador de profissão» corre o risco de não colher.

Um outro momento significativo de escuta comunitária era a participação, num papel que não era de presidência, nos encontros semanais de pequenas comunidades cristãs onde se meditava juntos e se rezava a leitura do Evangelho do domingo seguinte. Isto mostrava-se muitas vezes de uma riqueza surpreendente, porque sendo feito em língua local africana, dava à nossa gente uma possibilidade real de levar o Evangelho em «contacto directo» com a sua vida quotidiana nas barracas onde habitavam. Não raramente me encontrava perante interpretações verdadeiramente novas para mim, pelo simples facto que não se tratava aqui de meditar o evangelho para ensinar aos pobres, mas tratava-se dos pobres que reflectiam sobre o evangelho do seu ponto de vista, dos desafios concretos que tinham de enfrentar. Além disso, meditava-se e re-exprimia-se o Evangelho a partir de dentro da sua experiência religiosa, sempre profundamente marcada pelas crenças típicas da religião tradicional africana. A escuta comunitária da Palavra feita pelos missionários, seja entre nós, seja com a gente local, parecia-me necessária para evitar cair em «interpretações privadas» (cf. 2Pe 1,20), frequentemente parciais, em resposta a situações, culturas e tradições religiosas, que uma pessoa sozinha, ainda por cima estrangeiro, nunca consegue conhecer com suficiente profundidade. A experiência confirmava aquilo que acreditamos por fé, isto é, que todos os baptizados recebem do Espírito a luz que lhes permite compreender o Evangelho de Cristo e ver como vivê-lo na sua realidade concreta. Isto é ainda mais verdade quando a escuta é feita num contexto comunitário de reflexão e estudo

orantes em vista de um discipulado mais autêntico. A Palavra escutada torna-se depois Palavra pregada, seja no contexto litúrgico da homilia, seja nas várias actividades de catequese, na visita às famílias, no encontro com os doentes e os que os assistem, mas também quando se «prega sem palavras», isto é, no exercício concreto das várias actividades de caridade e de solidariedade, como nos vários projectos de promoção humana. Em todo o caso, a Palavra escutada no contexto concreto da gente e juntamente a ela, facilmente se torna diálogo com a sua vida na qual o Senhor ressuscitado responde no presente à sua necessidade concreta de salvação.

Animador de ministérios

Estreitamente associado ao ministério da Palavra acima referido, está o serviço presbiteral de coordenação e animação dos ministérios na comunidade cristã. A comunidade nascida da escuta da Palavra sente desde o início o imperativo de vivê-la em todas as dimensões da existência dando disso um testemunho credível aos outros (cf. AG 6). Desta realidade brota uma pluralidade de ministérios que o Espírito suscita. Alguns destes são já estabelecidos pela tradição plurissecular da Igreja (catequistas, assistência aos pobres, aos doentes, ministérios associados à celebração da Eucaristia, etc.), outros brotam como resposta a necessidades locais como o ministério da reconciliação em zonas de conflito latente ou declarado, serviços específicos em zonas atingidas pela pandemia da SIDA (serviços de prevenção, assistência física e espiritual aos doentes, às suas famílias, cuidado dos órfãos, etc.). Note-se, ao menos de passagem, que os vários ministérios eclesiais que servem os doentes graves, são inseparáveis da sua assistência espiritual num contexto onde a doença é sempre vivida como expressão e consequência de um mal moral e espiritual, próprio ou de outrem. Cabe ao presbítero activar e coordenar, na comunidade local, o processo de discernimento dos ministérios necessários à vida e ao serviço da comunidade. Alguns destes ministérios servem ao funcionamento da comunidade, enquanto outros exprimem o serviço e o testemunho da comunidade ad extra. Naturalmente depois, é preciso muitas vezes uma boa dose de imaginação para criar percursos de formação inicial e de formação permanente para os novos ministros, em particular quando se trata de criar expressões ministeriais novas; algumas áreas que nos exigiram um esforço particular de discernimento e formação de novos ministros são: as mães não casadas, os grupos juvenis, os órfãos, os recolhedores de lixos. Boa parte do tempo e das energias do presbítero gastam-se no trabalho de animação e coordenação destes ministérios, a fim de que todos os membros sirvam em harmonia e na complementaridade que serve ao crescimento do único corpo eclesial (1Cor 12,12 ss). Uma Igreja que nasce e cresce na escuta comunitária da Palavra, facilmente desenvolve dinâmicas ministeriais a todos os níveis da vida de modo que cada membro se torna um ministro. Recordo que, numa festa de Pentecostes, durante a celebração do sacramento do Crisma, eu tinha convidado, segundo o costume local, cada crismando a declarar diante da comunidade o serviço concreto que assumia entre as muitas possibilidades que já existam; também uma jovem doente grave avançou com dificuldade apoiada em duas muletas toscas para anunciar o seu ministério: «sofrerei por todos vós e especialmente pelos nossos sacerdotes». Tinha compreendido o sentido de uma Igreja toda ela ministerial. Eu achava particularmente gratificante ver pessoas cujos talentos escondidos vinham a descoberto e se desenvolviam precisamente no contexto destes ministérios, muitas vezes levando a pessoa a descobrir um novo sentido da sua dignidade humana e cristã.

Presidir à Eucaristia

É na celebração eucarística dominical que a comunidade presidida pelo presbítero, celebra a sua vida como corpo do Senhor Ressuscitado e, portanto, sinal e instrumento da acção concreta do Seu Espírito no contexto concreto em que vive. De novo, cabe ao presbítero assegurar-se que na celebração da eucaristia, a vida concreta do Corpo de Cristo tal como ele vive “aqui e agora”, seja celebrada e tornada visível em toda a sua riqueza. Uma vez que era preciso gerir o tempo de tal modo que a celebração não durasse mais que a hora e meia prevista, procurava-se distribuir a manifestação dos aspectos mais importantes da vida eclesial localmente vivida, no arco das celebrações do ano litúrgico. A celebração do Corpo de Cristo sacramental nos sinais do pão e do vinho é inseparável da vida concreta da comunidade local, corpo de Cristo na história. Donde a necessidade constante de activar e coordenar o processo necessário e inevitável da inculturação na liturgia. As duas coordenadas a ter sempre presentes eram a real comunhão de fé e de ritual com o “corpo universal” de Cristo e, ao mesmo tempo, a fidelidade à vida concreta deste mesmo “corpo” na sua expressão local. Mas o serviço presbiteral de presidência não se pode reduzir às estratégias organizativas da celebração; no coração de tal serviço está o facto que o presbítero preside in persona Christi; na sua pessoa concreta, consagrada pelo sacramento da Ordem, é Cristo que se manifesta e actua como cabeça que oferece a sua vida na cruz pela vida de todo o seu corpo eclesial (cf. Col 1,18 ss; Ef 5,23 ss).

Para a reflexão pessoal e comunitária:

- O que é que mais me interpela desta experiência presbiteral? Porquê?
- O que é que me desafia desta experiência? Por qual razão?
- O que é que nos diz como comunidade?

¹Extraído de Domingues, F. (2006). “Presbitero e missione”, in *Ministeri per la missione*, Redemptoris missio: rivista di pastorale e formazione missionaria, Nuova serie, anno XXII, N. 2 luglio – dicembre, pp. 20-29.